



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTERSEXUALIDADE NO DISCURSO DOS GÊNEROS INTELIGÍVEIS

Mikelly Gomes da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN

mikellygs@gmail.com

RESUMO

O trabalho versa sobre a intersexualidade, o intersex como dissidente na categoria de gênero, seus corpos são marcados diante da “supremacia” heteronormativa que designa o comportamento dos sujeitos no convívio social. Deste modo o trabalho contextualiza os percalços sociais vivenciados pelo intersex, no qual passa de uma figura anormal para uma figura construída através do discurso médico a um ser que luta pela autonomia de seu corpo.

Palavras-Chave: Intersex. Gênero. Corpo.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos *queer* têm como objetivo a crítica aos desígnios universalizantes e naturalizantes sobre as dualidades: homem/mulher, sexo/ gênero, passivo/ativo, feminino/masculino, homo/hetero, mostrando fendas destes padrões socialmente reguladores.

Nossa sociedade credita ao corpo identidades baseadas em normas sociais que organizam a diferença de gênero. Deste modo, o trabalho tem como objetivo fazer uma análise do intersex, estes constituem mais uma daquelas identidades abjeta e associada à invisibilidade, pois sobre eles pouco se sabem, uma vez que o assunto ficou restrito por muito tempo aos saberes médicos e biológicos (CABRAL,2006).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A intersexualidade suscita importantes reflexões sobre os disparates identitários quase invisíveis, propiciando análises sobre a construção do corpo sexuado, seus significados sociais e políticos, assim como sobre o processo de normalização e controle social. A experiência *intersex* mostra em níveis extremos a normalização “obrigatória” e compulsiva das identidades e dos corpos, pois ratifica a restrição das identidades de gênero ao binarismo homem-mulher e a das identidades sexuais a uma suposta lógica imperativa entre práticas, corpo sexuado, e desejos. A dubiedade no corpo *intersex* faz com que a medicina inicie uma série de intervenções corporais como as cirurgias de “correção genital” e tratamentos hormonais, por meio desses procedimentos médicos “sugerido” aos *intersex* podemos perceber as significações culturais e sociais atribuídos ao corpo, assim como as relações políticas que constroem os corpos (MACHADO,2005). Uma sociedade de controle, disposta a escolher seus corpos, práticas e desejos.

O *intersex* é mais um que tem que “gritar” para sociedade o que possui entre as pernas, como signo suficiente de designá-lo homem ou mulher, uma vez que as normas de gênero fazem com que os sujeitos passem pela experiência de serem desfeitos. Por muito tempo foi privado a escolha de ser um ou dois no mesmo corpo. Como afirma Judith Butler (2003:37), é a marca do gênero que atribui existência significável para os sujeitos, qualificando-os para a vida no interior da inteligibilidade cultural. O texto apresenta três casos que evidenciam o controle dos corpos, gênero e sexualidade: Herculine Barbin, Joan/John e Alex (produção filmica XXY),

2. MARCAS DO GÊNERO

Como diferenciar uma mulher de um homem? Resposta imediata nos leva ao sexo. O questionamento prolonga-se, mas afinal de que sexo estamos falando? Muitos geneticistas argumentarão sob a ótica do sexo genético decorrente dos cromossomos, os sujeitos que reunirem dois cromossomos XX serão fêmeas e aqueles que reunirem



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cromossomos XY serão machos. Há aqueles que consideram a definição e diferenciação do homem da mulher através do sexo gonadal, nos homens testículos que reproduzem espermatozóides e hormônios masculinizantes (testosterona), na mulher a representação se dá a partir dos ovários que produzem os óvulos e a progesterona. O sexo anatômico classifica o sujeito como mulher ou homem sob o aspecto do primeiro possuir uma vulva (vagina) e o segundo um pênis. Já o sexo psicológico faz essa distinção a partir da “identidade sexual”, forma pela qual os indivíduos percebem e reconhecem sua própria condição existencial enquanto pertencente ao universo feminino ou masculino. Ao sexo social atribui-se a idéia de papéis de gênero, forma pela qual o indivíduo vai representar o personagem que cada cultura atribui historicamente a mulheres e homens através do processo de socialização¹.

A sociedade² prima pela classificação e distinção das coisas e dos indivíduos, com o gênero está ação não tem sido diferente, impõem ao indivíduo uma performance masculinizada para o homem e feminina para a mulher. O processo de socialização imprime nestes comportamentos exteriores a eles. Cada sociedade partindo de suas regras culturais posiciona sanções sobre os corpos, estas regras e sanções sociais são legitimadas a partir das instituições, pois estas funcionam como instrumentos de padronização de comportamentos. Atuam de forma coercitiva.

Gênero talvez seja uma das categorias primeiras que são introjetadas. Ninguém sabe precisar quando aprendeu que o fato de ter um pênis ou uma vagina seria o definidor do seu comportamento. A forma como a sociedade constrói e define o que é do gênero feminino e do gênero masculino é uma das primeiras verdades construídas e reproduzidas pela sociedade. Tal como espaço e tempo (Durkheim, 1989), a forma como as sociedades elaboram as verdades (através de lendas, doutrinas, disciplinas e mitos) sobre as diferenças dos sexos, pode ser vista como uma categoria do pensamento humano. (BENTO, 1998, p.43 e 44)

Herculine Barbin foi uma entre vários que tiveram seus “direitos” negados pelo poder conferido as instituições sociais sobre o corpo da mesma, além da Igreja e o

¹ Ver Luiz Mott: Teoria Antropológica e sexualidade humana. Disponível em: <http://www.antropologia.ufba.br/artigos/teoria.pdf> (visitado em 14/06/2011).

² Refiro-me as sociedades ocidentais, constituídas sob a égide da moral judaico-cristã.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Estado o saber médico propulsionou tormentos em um corpo que se via sob a coerção de ter um sexo definido, sexo dito verdadeiro. Herculine Barbin fora socializada como menina, estudou em colégios para meninas e preparava-se para ser professora, quando aos 24 anos dores abdominais a levaram a consulta médica, neste momento é descoberto a má formação de suas genitálias. Decidem então, que ela havia sido batizada com o sexo equivocado, a jovem Alexina torna-se então Herculine. Decorrente de leis e regras sociais define-se que ela agora ele deveria se comportar, trabalhar e manter relações sexuais apropriadas ao seu sexo. Aos 30 anos (re)inventada não suporta a necessidade de vivenciar mais um corpo produzido e suicida-se. Herculine morre pelas mãos da construção de um verdadeiro sexo. A sociedade exclui o direito de escolha, de ser um, dois ou nenhum.

Nos casos de indivíduos *intersex*, a definição do corpo é fundamental não só para a atribuição do gênero, mas também para o desenvolvimento “normal”, leia-se heterossexual, da sexualidade. Por isso, homens com pênis pequeno ou mulheres com clitóris grande podem ameaçar uma conduta sexual que deve se devolver em termos heterossexuais. Assim, percebe-se que a atribuição do sexo é apenas o primeiro momento do tratamento médico da intersexualidade. Em decorrência da designação primeira, há a expectativa e o controle médico e familiar para que o gênero se desenvolva de maneira coerente com o sexo designado. Lógica esta que perpassa todos os corpos, mas que, no caso dos *intersex*, se radicaliza, pois são indivíduos que nascem com corpos diferenciados, aos quais não se atribui reconhecimento como um corpo possível, mas como um corpo que tem de ser *des-feito* para se enquadrar naquilo que é considerado normal em nossa sociedade. (PINO, 2007).

Deste modo, o corpo intersex marcado pela exigência de categorização/classificação de gênero é fabricado em clínicas médicas e posteriormente socializado docilmente. A problematização da vinculação gênero, sexo, sexualidade e subjetividade perpassa pela leitura do corpo como um significante em permanente processo de construção e com significados múltiplos que marcam os estudos dos gêneros dissidentes, no qual o intersex se encontra.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

3. INTERSEX: QUEM SÃO E DE ONDE FALAM?

O fenômeno intersexualidade é encontrado nos mais variados momentos da história, no entanto seu significado modifica-se no contexto social-cultural. Este é frequentemente associada ao hermafroditismo, pois encontram-se entrelaçados historicamente. Segundo Mauro Cabral, ativista *intersex* e pesquisador da temática, essa associação presente em nosso imaginário cultural é oriunda das artes e da mitologia, mas não condiz com a realidade do corpo *intersex*. (PINO, 2007)

No século XIX a intersexualidade aparece como sinônimo do hermafroditismo embasado na orientação sexual, esta figura aparece como monstro, como destaca Foucault, (2001) moralmente corrompido, logo uma imperfeição da natureza. No século XX, a questão intersex sai do campo moral e instala-se nos questionamentos médicos, as más-formações genitais passam a serem percebidas como anomalias do desenvolvimento sexual.

Nossa sociedade durante muitos séculos ligou o sexo e a procura da verdade (FOUCAULT, 2007a). No caso intersex nossa sociedade durante muito tempo ligou a verdade ao sexo, gênero e corpo humano. Para estes seres ditos “anormais” a verdade era construído no gênero, sexo e, sobretudo, no corpo. Este era feito e desfeito em troca de uma aceitação no convívio social como se dissessem com que corpo eu vou à rua.

Mas afinal, quem são os intersex? O intersex é mais um ser invisibilizado socialmente que tem sua identidade marcada como abjeta. O silêncio que percorre a condição intersex explica-se por este ter sido de domínio dos saberes médico por muito tempo e só incorporado nas ciências humanas nas últimas décadas por sucintas reflexões sobre o paradoxo identitários quase invisíveis lançando análise sobre seus significados sociais, controle social e normalização na construção do corpo sexuado.

Intersex é um termo de origem médica que foi incorporado pelos ativismos para designar as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

naquilo que entendemos por corpos masculinos ou femininos. Segundo a ISNA, *intersex* é uma definição geral usada para explicar a variedade de condições nas quais as pessoas nascem com órgãos reprodutivos e anatomias sexuais que não se encaixam na típica definição de masculino ou feminino. São corpos que destoam de nossos parâmetros culturais binários, que embaralham e causam estranheza para aqueles que os vê ou que não se enquadram no que Susan Bordo chama de representações de corpos inteligíveis que “abrange nossas representações científicas, filosóficas e estéticas sobre o corpo – nossa concepção cultural de corpo, que inclui normas de beleza, modelos de saúde e assim por diante” (Bordo, 1997:33). (PINO, 2007)

Deste modo, os intersex são corpos que passeiam nas expressões legítimas de humanidade associado a questões de normalidade ou patologia. Essa “anormalidade” caracteriza a intervenção médica com intuito de (re) fazer este corpo anormal adequa-se ao ideal do dimorfismo sexual. A medicalização dos corpos não consegue entender que o corpo intersex não encerra um corpo único, mas um conjunto amplo de corporalidades possíveis (CABRAL, 2005), sendo assim a intersexualidade é variedade.

El concepto clave para comprender de qué hablamos cuando hablamos de intersexualidad es el de variación. Por lo tanto, cuando decimos intersexualidad nos referimos a todas aquellas situaciones en las que el cuerpo sexuado de un individuo varía respecto al standard de corporalidad femenina o masculina culturalmente vigente³ (CABRAL, 2005).

Portanto, vemos que a experiência intersex está profundamente relacionada com a experiência de um corpo vigiado, punido, controlado e construído pelos saberes médicos. Em uma sociedade heterossexista não basta (re) criar corpos em salas cirúrgicas, a esses “novos” corpos socializam-se os indivíduos conferindo a estes seres os papéis de gêneros vigentes em suas sociedades, são construídos homens e mulheres no modelo heterossexual para vivenciar experiências da heteronormatividade.

4. “NOSSOS CORPOS TAMBÉM MUDAM”⁴: CORPOS (DES) CONSTRUÍDOS

³ Tradução própria: “O conceito chave para compreender o que falamos quando falamos de intersexualidade é o de variação. Por tanto, quando dizemos intersexualidade nos referimos a todas aquelas situações em que o corpo sexuado de um indivíduo varia com respeito ao padrão de corporalidade feminina ou masculina culturalmente vigente”. (CABRAL, 2005)

⁴ Alusão ao texto de Jorge Leite Jr.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como demonstra a história, à ambigüidade de sexo e/ou gênero tem sido agente de grandes debates. Se por um lado essa discussão caminhou do lado dos saberes médicos esta se consolidou em detrimento da ação social que moralizou desde os primórdios a conduta do corpo e dos papéis correspondente à distinção do homem e mulher, ou seja, a sociedade criou normas e regras para o corpo. Ela dizia e diz como os indivíduos devem agir.

O discurso médico preponderante na (des) construção do intersex não agiu sozinho, a instituição família esteve sempre ao seu lado. Marcado pelo discurso de um sexo verdadeiro e de uma identidade de gênero homogênea, pois ou se é homem ou mulher dentro da norma heteronormativa o intersex nasce sob a ótica de uma identidade que tem no seu corpo as cicatrizes traçadas socialmente, uma vez que o gênero é a tipificação que a sociedade encontra para significar a diferença sexual. Quando encontramos uma mulher grávida somos instruídos a velha pergunta: é menino ou menina? E com a resposta mais uma vez somos levados a incorporá-los mediante as regras sociais que conduzem o gênero. Para os meninos, camisetas azuis, carrinhos, pois estamos produzindo um “macho”. Para as meninas bonecas, muita cor de rosa e instrumentos da socialização de uma mulher doméstica no sentido dona de casa, afinal é uma mulher que estamos construindo. “Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros” (BENTO, 2010).

Nossos comportamentos são interiorizados silenciosamente, uma vez que, eles se produzem de forma generalizada, tal qual se tornam naturais. “Os atos generificados são, então, interpretados como citações de uma suposta origem. Agir de acordo com uma mulher/homem é pôr em funcionamento um conjunto de verdades que se acredita estariam fundamentadas na natureza” (BENTO, 2010).

O intersex é mais um indivíduo docilmente socializado nos parâmetros gênero ideal, ou como diz Butler (2003) gêneros inteligíveis. Vivenciar uma experiência intersex seria por hora quebrar com as regras sociais, desestabelecer a conduta “normal” da sociedade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ora, as “leis” que supostamente foram quebradas são as normas de gênero que, ao serem naturalizadas pelo discurso biologizante, adquire um caráter atemporal e universal, justificando suas expectativas e definições de um “verdadeiro” sexo com seu respectivo “verdadeiro” gênero e, em última instância, um verdadeiro corpo humano. (LEITE, 2008:119)

Na primazia de um corpo escrito dentro dos padrões, regras e normas heterossexista o psicólogo John Money se prontifica em (re) fazer corpos intersex, pois para este a identidade sexual é moldada até os 18 meses de vida, sendo assim inicia as intervenções nos corpos infantis, crianças são feitas em laboratórios médicos como se dissessem ao corpo que sua genitália tem o poder de moldar suas escolhas sexuais futuramente. O processo de criação de gênero não fica restrito ao espaço laboratorial, aos pais cabiam socializar esta criança para que fossem aceitas aos olhos da sociedade. Entretanto, a binaridade do sexo ainda imperava de modo que o intersex tinha que se submeter a tratamentos hormonais e outras cirurgias se necessário para se enquadrarem no padrão de normalidade estabelecido pela classificação tradicional de gênero. Segundo Bento(2006), as teses de Money, no entanto, não eram da determinação do social sobre o natural, mas como o social mediante o uso das ciências e das instituições poderia assegurar a diferença entre os sexos. Ele procurava manter a integridade do gênero, pois ao criar vaginas criava ele (e os pais) comportamentos femininos, logo indivíduos que seriam educados como meninas reiterando a lógica heteronormativa de mulheres feitas para uma vida sexual com homens.

O psicólogo neozelandês não esperava que depois de anos as crianças (des) construídas por ele se tornassem “visíveis”. O caso John/Joan corrobora na discussão da mudança corporal. Quando pequenos meninos gêmeos chegaram ao consultório de Money para correção no pênis de um dos garotos, que ao ser batizado, circuncisão, teve seu pênis queimado. O então médico tinha se tornado referência na intervenção cirúrgica e fora procurado pelos pais do garoto, a estes Money disse ser impossível reconstruir o pênis, logo foi sugerido a “troca” de sexo. Anos se passaram e essa criança fora socializada como mulher, mas na sua puberdade com mudanças



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

significativas no corpo Joan se sentia infeliz e resolve voltar a ser John. Com a idéia de mostrar cientificamente a independência entre o sexo e o gênero, Money, não previu o final desta história que tem o irmão menino tirando sua vida em 2002 e dois anos mais tarde Joan que voltara a ser John também suicida-se. Em uma sociedade que temos que nos identificar de acordo com o que fica escondido entre as pernas não poder escolher ser um, dois ou nenhum configura-se como violação do ser humano, onde para muitos é impedido o direito de viver, uma vez que as performances que não seguem a conduta de um gênero inteligente, domesticável são suprimidas da humanidade.

5. O INTERSEX E O DIRETO DE ESCOLHA: SER UM, DOIS OU NENHUM

Como vimos a intersexualidade revela a história de corpos marcados por saberes e práticas médicas, onde encontramos pais traumatizados pelo nascimento de uma criança com ambigüidade genital e se vê entorpecido no discurso da heteronormatividade se propondo a (des) fazer corpos infantis.

O filme XXY de Lúcia Puenzo retrata os dilemas da vida do intersex, cheio de metáforas o filme traz uma série de dilemas para o espectador. Alex, ainda jovem sai dos olhares e curiosidades de uma grande metrópole, Buenos Aires, para um vilarejo pesqueiro no Uruguai. A jovem recebe em sua casa a visita de um médico interessado em seu caso, Ramiro chega à pequena vila acompanhado de sua esposa e seu filho Álvaro. A presença do garoto acirra a condição de ambigüidade sexual quando posta no relacionamento entre os adolescentes, pois na construção tradicional de gênero este relacionamento transcende as normas binárias corporais.

O filme é um convite instigante para o exercício de descobrir o que esta nas entre linhas, da imagem física de Alex ao posicionamento da mesma quando o corpo nu esta em evidência, jogos de luz e sombras escondem propositalmente a idéia de “um sexo”. Um jogo de esconde/esconde onde ela é escondida da medicina (vai para



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um vilarejo), esconde seu corpo em roupas largas, esconde o seu próprio nome como designo de gênero, pois Alex dentro dos padrões das normas de gênero pode ser tanto nome feminino ou masculino.

A presença mesmo que não dita feminina do corpo de Alex, em parte, pelos hormônios tomados entrelaçasse aos códigos simbólicos masculinos, o falo masculino perpassa todo o filme: o facão na cena da protagonista correndo na mata, na cozinha a mãe de Alex preparando o jantar os legumes/ verduras correspondem à linguagem do corpo masculino entre outros. No mais, o jogo de esconde e mostra em torna da intersexualidade mostra-se na imensidão dos segredos do mar.

O filme discute o que o estudioso e militante intersex Mauro Cabral nos apresenta como possibilidades de escolha, ao dar direito a uma criança vivenciar sua vida sem cicatrizes na pele, ser socializada como sujeitos, pois as marcas deixadas pelas intervenções cirúrgicas ficam visíveis nos corpos, mas seus cortes são mais profundos, os traumas gerados a criança transcende a olhos nus. O intersex não é apenas marcado pelo bisturi os estigmas conferidos a eles marcam sua subjetividade.

La efectividad del activismo intersex está de hecho comprometida por una multiplicidad de factores: porque somos ex pacientes que contamos historias pesadillezcas; porque nuestras historias desmienten uno de los sueños iluministas más preciados de nuestra cultura; porque esas mismas historias posicionan a nuestros benefactores en la incómoda posición de carniceros involuntarios; porque estamos allí para decir “no, no resultó”. Y también está comprometida por el ideal de autenticidad que va desde la interioridad generizada de la comprobación pericial de la identidad, tan frecuente en el “cambio de sexo” (y en quienes dicen “esperemos el sexo cerebral verdadero para asignar”), por el lugar de la verdad en la cultura y del testimonio como puesta irrefutable de la verdad. Sin embargo, creemos que nuestra propuesta apunta a un cambio que tiene lugar en otro sitio, y es un cambio fundamental: el género como performance, la copia de la copia, la escucha mutua... Las personas que nos escuchan, que prestan atención a nuestras historias, participan de la misma cultura de la que nosotros participamos, cuentan con recursos tropológicos semejantes, intercambiamos los mismos mitos fundantes, en una lengua que nos traiciona todo el tiempo y que nos traiciona por igual. Nuestra pesadilla no habla solamente de nuestros propios cuerpos, habla de los suyos, del modo en el que llegaron a ser, genéricamente, quienes son. Damos testimonio del trabajo de la verdad entre



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nosotros, entre nosotros y ellos, la distancia, verdadera, que se ha trazado, el trazado de ese límite, contamos historias, y al contarlas, intentamos desesperadamente que lo que se escuche es el propio discurrir del Género como una historia. (CABRAL, 2005)

Deste modo, Herculines, Joans/Johns seres (des) feitos privados do direito de serem um, dois ou mais em um único corpo ao aderirem involuntariamente a conduta normalizante construída pela sociedade do gênero se vêem impossibilitados de ser antes do sexo e gênero um sujeito. Suas subjetividades são “atropeladas”, o gênero acaba por ser a categoria que torna o indivíduo sujeito visibilizado e aceito dentro das performances sexuais preponderantes na sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que tipo de armário (SEDEWICK, 2007) se esconde o intersex? O intersex não possui uma cultura identificada com sua condição corporal o que acaba empurrando estes a se distanciarem de olhares inquisidores.

A intersexualidade aparece como condição que não pode ser revelada. O segredo ronda a condição intersex como um anonimato de sua “realidade” corporal, jogos de visibilidade e invisibilidade descrevem o sigilo destes sujeitos. As marcas saem explicitamente do âmbito dos corpos para serem mapeadas nas dicotomias segredo/revelação, público e privado (SEDEWICK, 2007).

Por suscitar certa marginalidade frente ao modelo heteronormativo o intersex é aprisionado no armário do “verdadeiro e único sexo”, pois a partir do cristianismo o Ocidente não parou de dizer: “Para saber quem és, conheças teu sexo”. O sexo sempre foi núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa “verdade” de sujeito humano⁵.

Como vimos no sexo social, à sexualidade é construída a partir dos papéis de gêneros, ou seja, significações culturais para designar características do feminino e

⁵ Foucault, Michel. Não ao sexo Rei. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

masculino através do processo de socialização. Deste modo características como docilidade, sentimento maternal e passividade são atribuídas às mulheres, legitimadas socialmente em contraposição á características ditas masculinas, tais como: força, honra, virilidade. Meninas são educadas para serem meninas (brincar de boneca, usar vestido, cruzar as pernas, cuidar das tarefas domésticas, ser mãe e esposa). Confere aos meninos o gosto pela aventura, à disputa de força, jogos de futebol e a incorporação do azul como legitimação de um “macho” em potencial.

É introduzido em ambos as normas sociais da heteronormatividade. A produção de gêneros inteligíveis, ou seja, inteligentes, que ao crescerem vão produzir e reproduzir desejos heterossexuais. Como analisa Bento (2010), a produção das identidades de gênero é um longo e contínuo processo histórico e social. Pois bem, este processo é marcado pela produção de um corpo heterossexual na dicotomia homem/mulher.

Podemos então, considerar os gêneros dissidentes⁶ como “desobedientes” das regras sociais no que dizem respeito a uma sexualidade heterossexual, seriam eles sujeitos anômicos no discurso durkheimiano, uma vez que fogem do comportamento dito “normal”, produzido pela sociedade. Portanto, podemos considerar a construção do gênero e sexualidade como um construto proveniente da incorporação de valores, regras e normas sociais, que em detrimento de sua visibilidade invisibiliza as demais e, neste discurso o intersex aparece para os gêneros inteligíveis como mais uma figura abjeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. **Um certo mal-estar**: queixas e perplexidades masculinas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UnB, 1998 (245 páginas).

_____. As tecnologias que fazem os gêneros. In: **VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Abril, 2010.

_____. **A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁶ Gênero dissidente abarca todos os indivíduos considerados abjetos sociais, quando referimos a gênero e sexualidade. Dentre eles: gays, lésbicas, transexuais, travestis, etc.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CABRAL, Mauro. En estado de excepción e intervenciones sociomédicas, In: Cáceres, Carlos F (et alli). Sexualidad, estigma e derechos humanos: desafios para el acceso a al salud en América latina. Lima/Peru, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. Poder-Corpo. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a.

_____. Não ao sexo rei. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007b.

_____. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.69-100.

LEITE, Jorge Jr. “**Nossos corpos também mudam**”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. Doutorado em Ciências Sociais, São Paulo, 2008- PUC.

MACHADO , Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu**, n. 24, p. 249-281, jan./jun. 2005.

MOTT, Luiz. **Teoria Antropológica e sexualidade humana**. Disponível em: <http://www.antropologia.ufba.br/artigos/teoria.pdf>.

PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. In: Dossiê: Sexualidades Disparatadas. **Cadernos Pagú**. Unicamp: Campinas. 2007.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: Dossiê: Sexualidades Disparatadas. **Cadernos Pagú**. Unicamp: Campinas.2007.